

LITERATURA, ESPAÇO, CARTOGRAFIAS

Coordenadores

ANTÓNIO APOLINÁRIO LOURENÇO

OSVALDO MANUEL SILVESTRE

Centro de Literatura Portuguesa

TÍTULO
LITERATURA, ESPAÇO, CARTOGRAFIAS

COPYRIGHT
Autores e Centro de Literatura Portuguesa

DESIGN DA CAPA
Olhar-16. Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Papelmunde SMG

DATA DE EDIÇÃO
Abril de 2011

DEPÓSITO LEGAL
327638/11

ISBN
978-972-9126-23-9

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Centro de Literatura Portuguesa (<http://www.uc.pt/clp>)
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

A presente publicação insere-se nas actividades do Grupo de Investigação «Literatura sem Fronteiras» (coord. Prof. Doutor António Apolinário Lourenço) do Centro de Literatura Portuguesa, Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010).

ÍNDICE

Apresentação	9
<i>António Apolinário Lourenço e Osvaldo Manuel Silvestre</i>	
I. NACIONAL, TRANSNACIONAL, MUNDIAL	
Exotopia y emergencia. Sobre <i>La hija del mar</i> de Rosalía de Castro	17
<i>Fernando Cabo Aseguinolaza</i>	
Cartografias rarefeitas e(m) formulações exuberantes (<i>extensão e intensão</i> de um conceito)	39
<i>Paulo Meneses</i>	
<i>In the Kitchen</i> : Cartografias transnacionais e transculturais da sociedade inglesa contemporânea nos romances de Monica Ali	55
<i>Margarida Esteves Pereira</i>	
Superfícies Iluminadas: Imaginación cartográfica de la poesía <i>transicional</i> española	75
<i>Pedro Serra</i>	
Vimala Devi: espaços, voz e línguas	105
<i>Joana Passos</i>	
<i>Much Ado About Nothing</i> (?) – Duas Leituras da <i>Weltliteratur</i> de Goethe	123
<i>Ricardo Namora</i>	
II. CARTOGRAFIAS DO REALISMO	
Mapeando <i>Madame Bovary</i> de Flaubert: pelos caminhos das reescritas e «transescritas»	145
<i>Marie-Manuelle Silva</i>	

**IN THE KITCHEN: CARTOGRAFIAS TRANSNACIONAIS
E TRANSCULTURAIS DA SOCIEDADE INGLESA
CONTEMPORÂNEA NOS ROMANCES DE MONICA ALI**

Margarida Esteves Pereira

CEHUM – Universidade do Minho

I. INTRODUÇÃO

No romance de Monica Ali que dá o título a este texto somos confrontados com o espaço da cozinha de um hotel londrino como o tropo do multiculturalismo e do transnacionalismo de que é composta a sociedade inglesa actual e, particularmente, a sua capital. A cartografia colonial, pós-colonial e neo-colonial de Londres está metonimicamente contida no habitáculo desta cozinha através dos seus trabalhadores (desde empregados de limpeza, lavadores de louça a ajudantes de cozinha e cozinheiros), que, tal como é referido no texto, representam todos os cantos do mundo: «Todos os cantos da terra estavam ali representados. Hispânicos, asiáticos, africanos, do Báltico, e a maior parte dos lugares pelo meio» (Ali 2009: 99)¹. É através do olhar do *chef*, Gabriel Lightfoot, branco e inglês, que nos é descrita esta cozinha transcultural e transnacional; olhar esse que acaba por mitificar a aparente normalidade positiva desta situação, como será perceptível pelo seguinte comentário:

¹ «Every corner of the earth was represented here. Hispanic, Asian, African, Baltic and most places in between». Optou-se por traduzir todas as citações provenientes de romances ou de crítica literária. Todas as traduções foram feitas pela autora deste ensaio, à excepção de um caso, devidamente assinalado em nota de rodapé e na bibliografia.

Gabe tinha trabalhado em lugares onde os empregados da limpeza vinham em lotes; o primeiro trazia um primo, que recomendava um cunhado, o qual trazia também um amigo. Sem darmos por isso tínhamos o gang completo, o que era um sinal previsível de sarilhos. O empregado do serviço de quartos tinha chegado há pouco do Chile e Gabriel duvidava que o seu inglês fosse além de batatas fritas e hambúrguer e o mais que houvesse no menu. Ia adaptar-se sem problemas. Era deveras comovente observá-los, todas as raças, todas as cores, todos os credos (Ali 2009: 99-100).

Este é um romance, que, à semelhança do que acontece numa boa parte da literatura inglesa contemporânea,² se centra sobre a questão do multiculturalismo, inerente à sociedade inglesa actual e, muito especificamente, à cidade de Londres. Londres é, juntamente com outras grandes metrópoles europeias, um local onde se congregam diferentes raças, culturas e credos (como é referido no texto supra-citado) e, portanto, não é surpresa que a literatura, tal como a música, o cinema e as artes em geral, que aí surgem sejam a expressão viva desse transculturalismo e transnacionalismo. Que essas ideias sejam aceites de forma tão positiva, tal como fica expresso no comentário supra-citado do narrador de *In the Kitchen*, é que já não será tão inquestionável.

Como será, em boa verdade, facilmente perceptível pela leitura do romance em questão, no qual se assiste à representação das tensões sociais inerentes às transformações operadas pelas grandes vagas de

imigração, que depois da II Grande Guerra começaram a chegar a Inglaterra e, particularmente, a Londres. Essas vagas de imigrantes foram durante vários anos provenientes, em particular, das ex-colónias e, portanto, a grande maioria dos imigrantes que se encontravam em Londres e espalhados um pouco por toda a Inglaterra eram provenientes da Ásia do sul (Índia, Paquistão, Bangladesh), mas também das Caraíbas ou de África; com os anos, o desenvolvimento económico do Norte, e de Inglaterra em particular, começou a atrair vagas de imigrantes de todo o mundo³. Como é referido por John Clement Ball, a propósito da cidade de Londres:

Em resultado da chamada migração da «Nova Commonwealth», a metrópole, que dantes possuía uma grande porção do mundo, contém agora um «mundo» transnacional que tem gradualmente tomado conta dela. Com mais de dois milhões de habitantes não brancos no ano 2000 (...), Londres transformou-se; demograficamente, tem-se tornado cada vez mais global (ou transnacional) e cada vez menos tradicionalmente – isto é, etnicamente, racialmente, ou até nacionalmente – inglesa ou britânica. (Ball 2006: 4-5)

Londres surge, pois, como um grande centro transnacional, o que, conforme é lembrado nesta citação, não é apenas associável à sua condição de centro do Império britânico, mas que assume particular

3 Em *Colonial Desire*, Robert Young (1995) refere-se, a este respeito, à centralidade de Londres como um poderoso íman a atrair as periferias, nos seguintes termos: «Há medida que as décadas se sucedem Londres tem sabido corresponder cada vez melhor à sua, oficialmente proclamada, identidade heterogénea, de modo que hoje (...) dificilmente poderíamos imaginar uma mistura mais diversificada de pessoas, cujos antepassados remontam às Caraíbas e a África, à Índia, ao Paquistão, ao Bangladesh, à China, ao Tibete, ao Afeganistão, à Somália, aos Balcãs, e se misturaram e fundiram com outras, cujos predecessores apareceram nas ilhas britânicas como Anglos, Celtas, Dinamarqueses, Holandeses, Irlandeses, Normandos, Nórdicos, Saxões, Vikings... » (Young 1995: 1-2, tradução da autora).

2 Recorrência temática que é facilmente comprovável, por exemplo, pelo facto de hoje em dia ser quase impossível encontrar um compêndio de história da literatura inglesa ou uma antologia de ensaios sobre o romance contemporâneo inglês que não faça referência a essa diversidade cultural na literatura, havendo mesmo quem fale num novo sub-género romanesco a que chama o «romance de imigração» (cf. Parrinder, 2006: 380). Veja-se, a este respeito, entre outros, English (2008), Head (2002), King (2005), Caserio (2009).

relevância nesse âmbito. Este ensaio tem por objectivo, então, explorar a temática da transnacionalidade e da transculturalidade inglesas, tal como ela é expressa em alguns romances ingleses contemporâneos. Porque a escolha de romances ilustrativos desta temática é grande, preferimos centrar-nos, em particular, sobre os romances da escritora Monica Ali e sobre o mais recente em particular, embora se façam referências a outros escritores/ narrativas.

2. NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS TRANSCULTURAIIS OU «ROMANCE DE IMIGRAÇÃO»?

No panorama do mercado editorial inglês contemporâneo a centralidade, por um lado, e o sucesso, por outro, dos escritores que, de algum modo, exprimem o evidente multiculturalismo da sociedade inglesa só encontra paralelo no modo como esse fenómeno foi imediatamente alvo de atenção por parte da academia, o que se traduz, antes de mais, na proliferação de estudos que se dedicam, em parte ou exclusivamente, a esta questão. Desde livros centrados na cidade de Londres, por exemplo, o já aqui citado *Imagining London: Postcolonial Fiction and the Transnational Metropolis* (2004) de John Clement Ball ou, do mesmo ano, *Postcolonial London: Rewriting the Metropolis* (2004) de John McLeod, até aos estudos que se debruçam de um modo mais específico sobre um sub-género literário a que chamam, por exemplo, literatura inglesa negra ou literatura da diáspora ou, mesmo, literatura de imigração (cf. Eckstein *et al.* 2008; Nasta 2002; Sauerberg 2001; Procter 2000, 2003; Lee 1995), muitos são, de facto, os estudos que nos últimos anos se têm devotado a esta questão, especificamente, ou que a têm integrado no âmbito de estudos mais alargados sobre a literatura inglesa contemporânea (cf. King 2005; English 2006; Head 2002; Walkowitz 2009; Parrinder 2006).

Não é objectivo deste breve ensaio fazer uma análise das denominações ou dos rótulos que um certo tipo de romance inglês con-

temporâneo recebe por parte da academia e da crítica, sendo certo, contudo, que esse não é um exercício despiciendo, pois nenhum desses rótulos poderá ser ideologicamente neutro e muitos deles exibem uma carga cultural acentuadamente ideológica e particularmente delicada naquilo que diz respeito à sua concepção da identidade inglesa. Longe estamos já daquilo que Salman Rushdie criticava no ensaio «Não existe uma literatura da comunidade britânica», um ensaio de 1983, publicado na antologia *Pátrias Imaginárias* (1992)⁴, onde referia que a definição de «Commonwealth Literature» era algo de muito paternalista, na medida em que lhe parecia que este seria «o *corpus* literário criado (...) em língua inglesa, por pessoas que não são ingleses brancos, ou Irlandeses, ou cidadãos dos Estados Unidos da América» (Rushdie 1994: 81); e acrescentava, com a sua peculiar ironia: «Não sei se os americanos negros são cidadãos desta bizarra comunidade ou não. Provavelmente não» (*ibid.*). Por outro lado, chamar «romance de imigração» aos romances que, escritos e publicados na Inglaterra por romancistas que, sendo imigrantes ou filhos de imigrantes, são cidadãos ingleses, parece-me acarretar uma distanciação relativamente àquilo que é realmente concebido como a identidade e a literatura inglesas, propriamente ditas – quando, de facto, a maioria dos romances assim designados terão sido escritos por escritores nados e criados na Grã-Bretanha e, em muitos casos, tendo como progenitores um pai ou uma mãe de nacionalidade inglesa.

No entanto, trata-se de cidadãos que, frequentemente, são percebidos como estranhos à nação, isto é, são, em última instância, percebidos como outros ou, como é referido pelo narrador de *The Buddha of Suburbia* de Hanif Kureishi, «uma espécie engraçada

4 A tradução portuguesa saiu em 1994 pelas Publicações D. Quixota.

de inglês, uma nova raça, por assim dizer» (Kureishi 1990: 3)⁵. Esta tensão identitária sobre aquilo que constitui a inglesidade é explorada num grande número de romances ingleses contemporâneos (de que são exemplo as narrativas de Salman Rushdie, Hanif Kureishi, Caryl Philips, Zadie Smith, entre outros)⁶, romances que, indubitavelmente, colocam em questão uma certa ideia dos elementos constitutivos da cultura e da identidade inglesas.

Como nos relembra Homi Bhabha na introdução ao livro de ensaios *Nation and Narration* (1990) — um livro cujo objectivo era o de explorar a ambivalência da ideia de estado-nação —, não faz sentido pensar uma cultura nacional «local» de forma unificada ou unificadora (cf. Bhabha 1990: 4). Homi Bhabha coloca aqui em questão a ideia de fronteira como um espaço absolutamente delimitado e inquéfoco, afirmando a este respeito:

A fronteira é uma face de Janus e o problema do fora/dentro deve ser sempre em si mesmo um processo de hibridez, incorporando «pessoas» novas em relação ao corpo político, gerando outros locais de significação e, inevitavelmente, no processo político, produzindo situações não humanizadas de antagonismo político e forças imprevisíveis (*id.: ibid.*).

5 O romance inicia-se com as seguintes palavras: «My name is Karim Amir, and I am an Englishman born and bred, almost. I am often considered to be a funny kind of Englishman, a new breed as it were, having emerged from two old histories. But I don't care — Englishman I am (though not proud of it), from the South London suburbs and going somewhere» (Kureishi, 1990: 3).

6 Refira-se, a este propósito, e a título de exemplo, os romances *The Buddha of Suburbia* (traduzido para português como *O Buda dos Subúrbios*) de Hanif Kureishi, *White Teeth*, de Zadie Smith (na edição portuguesa, *Dentes Brancos*), bem como todos os romances de Caryl Philips (desde *The Final Passage* [1985] até *In the Falling Snow* [2009]), não esquecendo os seus livros de ensaios (*The European Tribe* [1987] ou *A New World Order* [2001]), bem como as narrativas biográficas contidas em *Foreigners* (2007).

Contudo, somos periodicamente confrontados com expressões vincadas de um certo nacionalismo fundado na ideia de uma identidade nacional razoavelmente unitária e exclusiva. Não só na Inglaterra, mas um pouco por toda a Europa, parece ainda prevalecer, apesar da evidência dos factos históricos e contemporâneos, que a identidade europeia (que é algo já de si muito nebuloso) subjaz uma raiz de raça branca e cristã. Assim, e no caso inglês, ainda que o discurso político (e, até certo ponto, as práticas políticas dos últimos governos trabalhistas) tenham incorporado até à exaustão a ideia do multiculturalismo da sociedade inglesa contemporânea, tal não impede uma efectiva ou potencial exclusão de uma boa parte dos cidadãos ingleses da ideia do que é ser inglês. Como tem sido continuamente afirmado por Paul Gilroy, entre outros, a condição multicultural que é tão cara a muito do discurso e das práticas políticas de alguns dos governos europeus, nomeadamente, o governo inglês, só é possível quando se transcendem as diferenças racializadas da identidade europeia. Como refere Gilroy, é absolutamente imperativo «afirmar que a peculiar sinonímia de «Europeu» e «branco» não pode continuar» (cf. Gilroy 2004: 155), mas conforme reconhece essa não é com certeza uma batalha ganha, na medida em que por toda a Europa «a identidade, a pertença e, conseqüentemente, a integridade ameaçada dos estados nacionais estão a ser comunicadas através da linguagem e dos símbolos da etnia absoluta e da diferença racializada» (*id.: ibid.*).

Desse modo, parece-nos mais profícuo tentar fugir a rótulos que se nos afiguram de conceptualização estereotipada (por muito benevolentes que sejam as intenções que lhes subjazem) e que acabam por cair em lógicas binárias (branco/negro, inglês de origem/imigrante ou filho de imigrantes) que é imperativo transcender; será, eventualmente, mais razoável, partirmos aqui da ideia de que muitos dos romancistas ingleses contemporâneos evidenciam uma preocupação

com um aspecto essencial à sociedade actual, que é o da crescente transculturalidade dessa sociedade e das tensões que lhe são inerentes. Há uma passagem do último romance de Hanif Kureishi, *Something to Tell You* (2008), que expressa bem a centralidade dessa identidade transcultural e transnacional que é, hoje em dia, a expressão mais acabada da cidade de Londres. Depois de descrever um dos locais mais multiculturais da cidade, onde as lojas são «caribenhas, polacas, da Caxemira ou da Somália», o narrador exclama: «Isto não era o gueto; o gueto era Belgravia, Knightsbridge e partes de Notting Hill. Isto era Londres como uma cidade do mundo.» (Kureishi 2008: 15)

Contudo, apesar da eufórica exclamação deste narrador, que assim desloca a questão do centro e das margens, de modo a enfatizar a expressão numérica em detrimento dos centros de poder, de maneira a fazer transparecer Londres como uma cidade do mundo (e já não somente a capital de Inglaterra), as tensões sociais do multiculturalismo são bem reais e fazem-se sentir em Londres, como um pouco por toda a Inglaterra. Um bom exemplo da representação da conflitualidade gerada pela presença de várias culturas na sociedade inglesa é o romance *Dentes Brancos* (*White Teeth*, 2000) de Zadie Smith, um sucesso editorial estrondoso, que foi inclusivamente alvo de uma adaptação televisiva em quatro episódios com o mesmo título.

Um dos aspectos mais interessantes deste romance será o facto de ele expressar a questão do multiculturalismo não só como algo que é inerente à sociedade inglesa, mas sim à sua identidade nacional. Por outras palavras, Zadie Smith coloca a questão da raça, precisamente, como algo que deve ser assumido dentro da identidade inglesa e não como algo que seja estranho a ela. Por outro lado, o romance põe em destaque de forma muito crítica o modo como as bolsas de xenofobia e paternalismo subsistem em toda a sociedade inglesa. Num diálogo entre a personagem Joyce Chalfen, uma mulher branca de meia-

-idade, judia e pertencente à classe média e duas outras personagens centrais, os adolescentes Irie Jones e Millat Iqbal (ela descendente de uma mãe caribenha e de pai inglês e ele descendente de paquistaneses), ressalta a dificuldade dos ingleses ditos originais absorverem os outros como fazendo parte da mesma cultura e da mesma nação. Senão, veja-se o supra-citado diálogo:

«Bem», disse Joyce, (...) «você têm um ar muito exótico. De onde são, se não se importam que eu pergunte?»

«Willesden», responderam Irie e Millat ao mesmo tempo.

«Sim, sim, com certeza, mas de onde são *originalmente*?»

«Oh», disse Millat, ensaiando um sotaque a que chamava *bud-bud-ding-ding*. «Quer dizer de onde somos *originalmente*?»

Joyce parecia confusa. «Sim, originalmente.»

«Whitechapel», disse Millat, puxando de um cigarro. «Via Hospital Royal London e o autocarro 207» (Smith 2000: 319).

Esta ideia de que pessoas nascidas e criadas na Grã-Bretanha possam não ser consideradas inglesas, porque parecem diferentes, ou têm um ar «muito exótico», como é referido por uma das personagens deste romance, é frequentemente explorada nas narrativas dos filhos da segunda geração de emigrantes,⁷ que deste modo apontam um aspecto fulcral da necessária transculturalidade das sociedades contemporâneas por força dos movimentos migratórios passados ou presentes.

7 Veja-se, por exemplo, na antologia de James Procter, *Writing Black Britain*, os poemas da poeta escocesa Jackie Kay (2000), «So You Think I Am a Mule?» (1984) e «In My Country» (1993), que são muito reveladores desta condição de exclusão em função da raça.

3. CARTOGRAFIAS TRANSNACIONAIS E TRANSCULTURAIS NOS ROMANCES DE MONICA ALI

Tal como no romance de Zadie Smith, também em *In the Kitchen* encontramos, por um lado, a constatação do multiculturalismo inerente à sociedade inglesa e, por outro, a representação das tensões daí decorrentes. Mas enquanto o romance de Zadie Smith se centra com mais veemência na crítica à xenofobia da sociedade inglesa, que consistentemente parece excluir uma parte significativa dos seus cidadãos, no romance de Monica Ali o tema da diáspora e da migração torna-se central, nomeadamente, nos seus aspectos mais obscuros, como nas questões da imigração ilegal e do tráfico de mulheres e de mão-de-obra escrava.

O romance tem como personagem central o cozinheiro *chef* do Hotel Imperial – um nome obviamente significativo –, em Londres, que se vê envolvido num caso de tráfico de mulheres de leste, bem como de trabalhadores ilegais, quando decide acolher em sua casa uma ex-empregada de limpeza da sua cozinha; trata-se de uma jovem prostituta bielorrussa, que havia sido apanhada numa rede de tráfico de mulheres e que, desprovida de qualquer documento de identificação e aterrorizada pelas potenciais represálias da Máfia de traficantes, vive num penoso limbo apátrida. O desejo que sente pela jovem bielorrussa, bem como o sentimento de culpa, impelem Gabriel a ajudá-la e a tentar encontrar um seu irmão ou amante, busca essa que acaba por o levar a uma quinta inglesa, onde o trabalho agrícola é todo ele feito por trabalhadores imigrantes, que, vivendo em condições de precariedade extrema, são mantidos prisioneiros por redes de tráfico organizadas. Sem documentação e sem qualquer possibilidade de regresso ao país natal, estes homens mantêm o mercado agrícola europeu rentável e próspero através do seu trabalho escravo.

Assim, mais do que uma crítica à xenofobia da sociedade inglesa (que também está presente no romance), Monica Ali enquadra a

questão na crítica à globalização económica e à transformação das economias industriais das sociedades do primeiro mundo na insubstancial precariedade gerada pela economia financeira globalizada. A imaterialidade de um mundo onde nada se produz e tudo se comercializa é sentida de forma pungente pelo protagonista da narrativa, o qual, depois de um diálogo revelador com um membro do governo inglês, uma personagem que dá pelo nome politicamente apelativo de Fairweather, assume metaforicamente esse particular estado de imaterial flutuação que caracteriza a economia e a política da pós-modernidade ao permanecer imóvel e em silêncio, incapaz de qualquer tipo de agência ou reacção:

Gabriel não se conseguia mexer. Nesse instante foi inundado por um pavor tão físico que ficou simultaneamente paralisado e com medo de colapso. Fairweather ainda falava, como se de um lugar muito distante. Gabe queria poder agarrar-se a qualquer coisa, algo real e palpável, de modo que esta onda de medo não o esvaziasse por completo. Tinha já arrancado o seu estômago, um vento gélido percorrendo o seu corpo e ele cobriria o buraco se ao menos a sua mão se mexesse. O que era isto? Qual era o seu problema? Se soubesse, se pudesse nomeá-lo, tudo ficaria bem (Ali 2009: 251).

Indubitavelmente, o romance traz à superfície uma forma de nostalgia por um mundo onde havia valores, sentido de comunidade e uma clara noção de identidade, que permitia, por exemplo, ao pai de Gabriel (que toda a vida tinha trabalhado na mesma fábrica têxtil, entretanto fechada, como todas as outras) ter uma noção muito clara do seu papel social, da sua posição no seio da comunidade e da nação, enfim, saber quem era. Gabriel, pelo contrário, e como se percebe pelo extracto supra-citado, permanece à deriva num mundo em que tudo está em aberto e em que é muito difícil ter uma clara

ideia de identidade ou de função social. No colorido discurso político de Fairweather este é, obviamente, um momento de oportunidades único em que a economia floresce e está de boa forma; como a personagem afirma «quem quer que diga o contrário é um masoquista, um idiota, ou simplesmente invejoso» (Ali 2009: 249). Neste tempo ambivalente e de significados fluidos, tudo o que é necessário é usar as palavras certas, de modo a pintar a realidade da forma mais aprazível ou conveniente:

Diga que estamos no ramo das indústrias «sunrise». Use palavras como «economia do conhecimento». Lance também contabilidade, seguros, publicidade, banca; mencione que o que é preciso são mentes e não músculos e não se esqueça de dizer que estamos a produzir mais licenciados do que nunca. Insinue que os novos Deuses do Comércio se sentem facilmente insultados e que se não conseguirmos aplacá-los diariamente desaparecem como fumo no ar. Acabe dizendo que é um facto indesmentível que estamos todos melhor do que nunca (Ali 2009: 259).

No romance, a esta realidade tão coloridamente positiva das economias do primeiro mundo subjaz uma outra bem mais negativa do trabalho escravo e das redes de tráfico de trabalhadores, que parece sustentar a aparente luminosidade das cidades cosmopolitas. Quando, inadvertidamente, Gabriel testemunha a realidade das condições de trabalho inumanas de alguns trabalhadores agrícolas imigrantes depara-se com uma situação que mais se assemelha a um cenário de guerra ou às condições de um campo de concentração: «Gabriel colocou a cara contra o vidro e conseguiu ver melhor as barracas, que agora se pareciam mais com casernas do exército, telhados planos, persianas de metal, sem propósito, sem conforto» (Ali 2009: 393). Lá dentro, os trabalhadores amontoam-se em circunstâncias assim descritas:

A luz nua de uma lâmpada iluminava o quarto, o qual, convenientemente, pertencia à escuridão. O lugar era fétido. Tinha duas camas de solteiro, uma feita de pinho barato e, outra, uma cama desdobrável de campanha. Um colchão encostado à parede, um armário alto com as dobradiças partidas a um canto e um frigorífico de campismo fazia as vezes de uma espécie de mesinha de cabeceira. Apesar dos sinais de habitação, parecia improvável que qualquer forma de vida aqui pudesse florescer, com excepção talvez do bolor que desabrochava em grandes pedaços pelas paredes (Ali 2009: 395).

A descrição das condições de vida dos trabalhadores presta-se mais a comparações com romances novecentistas, por exemplo, de um Charles Dickens ou de um Victor Hugo, do que à representação de uma realidade do século XXI. E, no entanto, tal como no filme *Metropolis* (1927) de Fritz Lang, parece ficar implícito que esta é uma sociedade que subsiste em dois planos bem diferenciados, em que as grandes metrópoles continuam a ser alimentadas por um submundo de trabalho escravo, embora aqui, ao contrário do que acontece no filme de Fritz Lang, não sejam apresentadas soluções redentoras, nem se perspetive qualquer utopia de transformação. A única possibilidade de transformação apresentada redundava na aceitação que vem com o crescimento individual. Quando confrontado com as acusações de Gabriel relativamente ao que se passava na sua quinta o dono explode numa explicação relativamente plausível para aquela situação:

Gleeson percorreu o espaço até à porta e começou a silvar. «Seu hipócritazinho imbecil. O que é que te dá o direito de julgar toda a gente? As pessoas querem trabalho, nós empregámo-las, chama-se dar às pessoas o que elas querem. Há um preço de mercado, chama-se comércio. É assim que as coisas funcionam. Por que é que não ultrapassas isso? Cai na real *Chef*. Começa a aceitar as coisas como elas são» (Ali 2009: 411).

In the Kitchen é o terceiro romance de Monica Ali, uma escritora que tem vindo a demonstrar uma singular percepção das cartografias migratórias que marcam a Inglaterra e a Europa. No seu primeiro romance, intitulado *Brick Lane* (2003), e traduzido para o português com o título *Sete Mares e Treze Rios*, desenha-se a cartografia do exílio europeu das mulheres do sul da Ásia, protagonizado pela personagem central, a bengalesa Nazneen, do seu Bangladesh rural de origem até ao frio bairro de Brick Lane em Londres, onde encontra o marido que o seu pai lhe arranjava, um homem muito mais velho, mas igualmente de origem bengalesa. Neste primeiro romance, o enfoque é muito marcadamente sobre a questão do género e da etnia. Trata-se de um *Bildungsroman* em que a protagonista vai ser confrontada com a necessária transformação operada pela sua viagem do Bangladesh natal para Londres, de uma cultura particularmente opressiva para as mulheres, como é a cultura islâmica, para um ambiente, necessariamente, matizado pelos valores da sociedade ocidental, o que lhe permite uma liberdade vedada à sua irmã mais nova, que tinha ficado no Bangladesh. Essa percepção da liberdade permitida a uma mulher pela cultura ocidental é expressa pela sua amiga Razia no final do romance, a qual, em resposta a um comentário de Nazneen dizendo que não poderia patinar de sari, afirma: «Estamos na Inglaterra. (...) Podes fazer o que muito bem quiseres» (Ali 2009: 492).

Mais do que uma crítica à cultura islâmica, que poderá ser entrevista neste romance, do ponto de vista da questão do género, *Brick Lane* parece acentuar a necessária e benéfica hibridização cultural como uma fonte, aqui sim, utópica de entendimento cultural num mundo que reagiu ao 11 de Setembro através do recrudescimento da desconfiança na possibilidade do multiculturalismo e da hibridização. Trata-se, contudo, de um romance que imagina a grande metrópole de uma forma bem mais positiva do que *In the Kitchen*, o qual nos mostra uma Londres infectada não já pela recusa ou dificuldade em

absorver os imigrantes provenientes das ex-colónias britânicas⁸ (algo que também surge em muitos dos romances que focam a questão pós-colonial), mas sim pelo neo-colonialismo do mundo contemporâneo. Nesse sentido, neste romance Londres não é já o significante geográfico e o local do imaginário pós-colonial, como é referido por John Clement Ball, mas sim uma cidade do mundo (como o narrador de *Something to Tell You* a ela se refere), uma cidade absolutamente transnacional, mas simultaneamente uma cidade de apátridas e de gente que, desprovida de cidadania, não existe.

Em *Alentejo Blue* somos levados, numa outra trajectória migratória, até à aldeia alentejana de Mamarrosa. Assim, se em *Brick Lane* a viagem de Nazneen a leva do terceiro mundo para a sociedade ocidental que, em última instância, lhe permite a liberdade que não poderia ter no Bangladesh (apesar da recorrente demonstração de nostalgia pela sua aldeia natal, que, à distância, recorda como um lugar idílico), em *Alentejo Blue* exploram-se outras rotas migratórias, não já do terceiro mundo para o primeiro, mas dentro de uma Europa onde a pobreza e a desolação são também uma realidade. De um ponto de vista não estritamente português, o romance coloca em destaque uma Europa, pobre e desfavorecida, onde os exilados não são mais do que os próprios europeus. Dá-se assim relevo às suas rotas de migração dentro de um espaço comum, mas economicamente desequilibrado, como o demonstra a população autóctone daquela que é descrita como a região mais pobre da Europa, à qual se juntam outros exilados, aqui protagonizados pelos habitantes estrangeiros de Mamarrosa, os Potter, uma família inglesa completamente

⁸ Para uma discussão dos modos como Londres é imaginada pelas narrativas contemporâneas da imigração, veja-se, por exemplo, o capítulo introdutório do livro de John Clement Ball, *Imagining London* (2006), bem como o livro de James Procter (2003), *Dwelling Places* ou alguns dos textos contidos na antologia *Writing Black Britain*, organizada pelo mesmo James Procter (2000).

disfuncional (pais alcoólicos e drogados e os filhos mais ou menos abandonados e deixados à sua má sorte) ou o escritor alemão Stanton, bem como pelos turistas que por lá passam.

Estruturado numa polifonia das diferentes vozes das personagens que o compõem, o romance enfatiza a paisagem alentejana, a qual surge como o cenário e o signo da desolação, do vazio e da desesperança das pessoas que o habitam. Não nos parece, contudo, que esta seja uma desolação particularmente mais significativa para a população autóctone local (ou para as pessoas de nacionalidade portuguesa) do que para todos os outros exilados, estrangeiros ou turistas, que por lá passam. Se é certo que é no Alentejo e, portanto, em Portugal, que se situa este particular entorpecimento das pessoas, não é menos certo que este é um torpor que atinge todos e que se espalha indiscriminadamente e independentemente da nacionalidade. De qualquer modo, trata-se de um local na Europa desenvolvida, o que faz ressaltar a heterogeneidade dos processos migratórios, situando-os fora do enquadramento dicotómico habitual, onde o Ocidente é visto como o centro e o resto do mundo a periferia. Nesse sentido, *Alentejo Blue* põe em destaque um entendimento renovado da migração como um processo heterogéneo e múltiplo, como é entendido por Susan Stanford Friedman, que a este respeito, afirma: «para chegar à complexidade dos movimentos demográficos e culturais na paisagem global contemporânea, precisamos de olhar para além dos modelos de migração do tipo empurra/puxa que têm tendência a reintegrar os sistemas binários de análise do mundo como centro/ periferia, Ocidente/ resto do mundo» (Friedman 2009: 22).

4. CONCLUSÃO

Parece-nos que esse é um entendimento que perpassa os dois últimos romances de Monica Ali, talvez bem mais do que qualquer outro autor inglês contemporâneo, que assim deslocam a questão da

transnacionalidade e da transculturalidade inglesas contemporâneas, colocando-a no âmbito mais largo da questão europeia. Se é certo que Londres sofreu um processo de transformação de grande metrópole imperial, o centro aglutinador do Império, a cidade descentrada e transnacional, como é referido por John Clement Ball (cf. Ball 2006: 5), não menos certo é que essa transformação transcende, no século XXI, a lógica pós-colonial de acolhimento dos imigrantes das ex-colónias, remetendo, como fica perceptível em *In the Kitchen*, para uma lógica da globalização económica, que se distingue das rotas cartográficas mais comuns decorrentes da queda do Império.

Terminamos, pois, onde havíamos começado, na cozinha do hotel imperial, esse espaço simbólico da mão-de-obra barata que subjaz à cartografia dos Impérios e que aqui nos surge particularmente inalterado, sinalizando a dificuldade de transcender o espaço cartográfico vitoriano e colonial neste tempo pós-moderno da lógica neo-colonial. Isso mesmo é o que parece estar subentendido na descrição desta cozinha, logo no primeiro capítulo do romance, onde se assinala que apesar das alterações sofridas pelo hotel ao longo dos tempos, a cozinha, um produto da época vitoriana, tinha permanecido razoavelmente inalterada:

A cozinha, tal como o resto do Hotel Imperial, eram um produto da era Vitoriana. Mas enquanto o *lobby* e as salas comuns, os quartos e as casas de banho, as escadas e os corredores e os vestíbulos, se tinham transmutado em espaços do século XXI dentro de uma carapaça do século XIX, a cozinha – apesar das numerosas remodelações e melhoramentos – mantinha o seu aspecto de casa de trabalho, o indelével carimbo de gerações de labuta (Ali 2009: 19).

A metonímia implícita ajuda-nos a visualizar o espaço maior da globalização económica, por detrás da globalização cultural, tra-

zendo à superfície questões que nos remetem para os problemas políticos e sociais comuns a um espaço temporal que abarca, pelo menos, todo o século XIX, XX e este início do século XXI. Nesse sentido, como anteriormente foi aqui assinalado, este romance é em muitos aspectos, devedor do romance realista do século XIX, evocando, de igual modo, as tensões sociais decorrentes da luta de classes, mas juntando a estas agora as tensões decorrentes de uma sociedade multi-étnica e multicultural.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, Monica (2007), *Brick Lane*, London, Black Swan [2003].
- ALI, Monica (2007), *Alentejo Blue*, London, Black Swan [2006].
- ALI, Monica (2009), *In the Kitchen*, London, Toronto, Sydney, Auckland, Johannesburg, Doubleday.
- BALL, John Clement (2006), *Imagining London: Postcolonial Fiction and the Transnational Metropolis*, University of Toronto Press, Toronto, Buffalo, London [2004].
- BHABHA, Homi (1990), «Introduction: narrating the nation», *Nation and Narration*, ed. by Homi Bhabha, London and New York, Routledge.
- CASERIO, Robert L. (ed.) (2009), *The Cambridge Companion to the Twentieth-Century English Novel*, Cambridge, Cambridge University Press.
- ECKSTEIN, Lars, KORTE, Barbara, PIRKER, Eva Ulrike and REINFANDT, Christoph (eds) (2008), *Multi-Ethnic Britain 2000+: New Perspectives in Literature, Film and the Arts*, Amsterdam and New York, Rodopi.
- ENGLISH, James E. (2006), «Introduction: British Fiction in a Global Frame», *A Concise Companion to English Literature*, Oxford, Blackwell Publishing.
- FRIEDMAN, Susan S. (2009), «The 'New Migration': Clashes, Connections, and Diasporic Women's Writing», *Contemporary Women's Writing*, 3:1 June, pp. 6–27.
- HEAD, Dominic (2002), *The Cambridge Companion to Modern British Fiction, 1950-2000*, Cambridge, Cambridge University Press.
- KING, Bruce (2005), *The Oxford English Literary History*, Vol. 13, 1948-2000, *The Internationalization of English Literature*, Oxford, Oxford University Press [2004].
- KUREISHI, Hanif (1990), *The Buddha of Suburbia*, London and Boston, Faber & Faber.
- KUREISHI, Hanif (2008), *Something to Tell You*, London, Faber & Faber.
- LEE, A. Robert (1995), *Other Britain, Other British: Contemporary Multicultural Fiction*, London, Pluto Press.
- MCLEOD, John (2004), *Postcolonial London: Rewriting the Metropolis*, Abingdon UK and New York, Routledge.
- NASTA, Susheila (2002), *Home Truths: Fictions of the South Asian Diaspora in Britain*, Houndmills, Basingstoke, Palgrave.
- PARRINDER, Patrick (2006), «Inward Migrations: Multiculturalism, Anglicization, and Internal Exile» and «Conclusion: On Englishness and the Twenty-First-Century Novel», in *Nation & Novel: The English Novel from its Origins to the Present Day*, Oxford, Oxford University Press.
- PROCTER, James (ed.) (2000), *Writing Black Britain, 1948–1998: An Interdisciplinary Anthology*, Manchester and New York, Manchester University Press.
- PROCTER, James (2003), *Dwelling Places: Postwar Black British Writing*, Manchester and New York, Manchester University Press.
- RUSHDIE, Salman (1992), *Imaginary Homelands: Essays and Criticism 1981-1991*, London, Grant Books in association with Penguin, trad. Portuguesa: *Pátrias Imaginárias: Ensaios e Crítica 1981-1991*, Lisboa, D. Quixote, 1994.
- SAURBERG, Lars Ole (2001), *Intercultural Voices in Contemporary British Literature: The Implosion of Empire*, New York, Palgrave.
- SMITH, Zadie (2000), *White Teeth*, London, Penguin.

WALKOWITZ, Rebecca L. (2009), «The Post-consensus Novel: Minority Culture, Multiculturalism, and Transnational Comparison», in Caserio, Robert L. (ed.), *The Cambridge Companion to the Twentieth-Century English Novel*, Cambridge, Cambridge University Press.